



## EDUCAÇÃO, VISUALIDADES E ESPACIDADES NO CONTEMPORÂNEO

*Valéria Cazetta*  
*Ana Maria Hoepers Preve*  
*Cláudia Rodríguez-Ponga Linares*

O dossiê *Educação, visualidades e espacialidades no contemporâneo* também poderia intitular-se *Corpos e peles*. De variados e variadas tonalidades, espessuras, vibratilidades. Compondo parte do que somos, fomos e do que já não somos mais. Rugas. Traços. Vincos. Dilatações. Contrações. Dilacerações. Os corpos-peles amalgamam tempos em suspensão que podem fazer com que desapareçamos, ou saíamos em busca de um arquivo, ou enviemos e-mails convidando; no caso desse dossiê, autoras e autores, que embora não estejam presencialmente conosco, povoam-nos com suas intensidades. Estão naquilo que nos permeia quando lemos seus escritos: uma suspensão do tempo, uma reverberação incessante e ligeira arremessando-nos feito catapulta para outros lugares não condizentes com aqueles lugares geográficos, cicatrizados nos mapas feito pontos, linhas e áreas imóveis confeccionadas sob os mais diversos suportes. Tratam-se de heterotopias, esses espaços outros divergentes das identidades cartográficas dos mapas e paisagísticas das fotografias. Não coincidem com nenhum outro rastro, a não ser com as linhas de *uma* vida. Linhas de dor, ódio, delírio e vertigem que nos constituem, arrepiando-nos os corpos-peles. Desalinhadas, aninhadas em nós, abrigadas na pele feito tatuagens. Desenhadas e rabiscadas na derme grafando cicatrizes, sobras – as cinzas dos incêndios solventes de nossas certezas ante as contingências de *uma* vida. Essa passagem por aqui pode ser rápida cronologicamente, mas intensa no que pode *uma* vida. Às vezes é tudo o que temos, e o que temos são essas linhas de tempo desconhecidas. As linhas geográficas, inventadas por nós no fluxo do pensamento. A força dessas linhas “não é menos mental e corporal quanto física em movimento”<sup>1</sup>.

Os corpos e suas peles terebradas por tecidos outros. Urdiduras em chamás. Tecer para que e para quem? Garantias não há. Coseduras de um exercício repetitivo, lances de uma vida que experimenta: “O acontecimento não é o que acontece [...] ele é no que acontece o

<sup>1</sup> DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. p. 31. Disponível em: <<http://goo.gl/xiwoVb>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

puro expresso que nos dá sinal e nos espera”<sup>2</sup>. Delays fraturando a comunicação. Quando sobra algo, estas fagulhas estilhaçam nossas suposições tardias e envenenadas com tanto excesso de comunicação. Aquele esquema semiótico (emissor-receptor-mensagem) é uma invenção petrificada, mórbida e carcomida. Não há comunicação. E o que sobra? Corpos e peles. Não se tratam somente de corpos e peles de trajetórias humanas. As trajetórias inumanas estão mutuamente implicadas nas peles do mundo. Rugosidades: geografias da Terra, ecologias do invisível – “camada intensiva, que tem a ver com as imagens mas não deriva delas, que tem a ver com a linguagem mas não deriva dela [...] O invisível, a rigor, não é da ordem da linguagem, nem da imagem, e muito menos do imaginário”<sup>3</sup>. Carlos Drummond de Andrade, em *A flor e a náusea*, diz: “sob a pele das palavras há cifras e códigos”. As peles das cidades, dos corpos fílmicos, dos smartphones, das oficinas, dos corpos-pixels, dos corpos territorializados. Tessituras emaranhadas. Sequer reparamos que tudo isto nos habita, excita, envolve, estranha e entranha, ainda que as sensações façam-se em harmonia, apaziguamento, petrificação. Vertigens. Miragens. Desacostumar. Enxamear...

O enxameamento desse dossiê principiou desacelerado, éramos pouquíssimas, imiscuídas a alguns intercessores vinculados ao pensamento crítico contemporâneo e aos aportes das filosofias da diferença, possibilitando-nos convidar autoras e autores aderentes aos eixos: visualidades, corpos, geografias, cartografias e educação. Ajuntamo-nos, quase sempre em vôo, para pousar algumas riscas sobre...

... visualidades, compreendendo-as não como a totalidade dos dispositivos visuais. Em *O espectador emancipado*, Rancière (2012, p.94) argumenta em prol de que “se o horror está banalizado, não é porque vemos imagens demais. Não vemos corpos demais a sofrerem. Mas vemos corpos demais sem nome, corpos demais incapazes de nos devolver o olhar que lhes dirigimos, corpos que são objeto de palavra sem terem a palavra.”

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva: Edusp, 1974. p.152. Disponível em: <<http://goo.gl/ki0XUR>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

<sup>3</sup> PELBART, Peter Pál. **A nau do tempo rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.53-54. Disponível em: <<http://goo.gl/Y0XBeC>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

... corpos, numa acepção entrecruzada de corpo sógnico e corpo utópico, adensados enquanto meios, suportes, lugares das imagens e também como imagens. Corporificamos corpos sógnicos e geografias (entendidas no plural), porque, apesar de não nos darmos conta, a todo instante, o espaço nos interpela, cravando-nos linhas, sulcos grafados com tintas dos tempos de uma vida: corporeidades em movimento. Ora estamos mais amolecidos, ora mais enrijecidos, ora nem uma coisa nem outra, porque o espaço (abordado aqui como multiplicidade de trajetórias ou uma simultaneidade de estórias-até-agora) nos marca o corpo por meio da pele, dos sentidos, das memórias, das culturas, da educação e de outros corpos, como: imagens, sons, mapas, fotografias etc.

... educação, numa extensão dilatada, das diferentes linguagens (fotografias, imagens orbitais, mapas - analógicos e virtuais -, tatuagens, desenhos, etc.) – aqui consideradas como materialidades vinculadas à subjetivação política que é indissociável da formação do sujeito, ou seja, da *ethopoiesis*. Dizendo de outro modo, e sempre haverá outros modos de dizer, nos inspiraremos nos aportes da filosofia da diferença guattariana e deleuziana ao conceber o verbo aprender como criação – com ênfase no acontecimento e na performatividade. Para finalizar, nosso intuito é tomar as diferentes linguagens como produtoras de sentidos, entendendo que as linguagens – e os meios imbricados nelas – têm em si mesmas uma dimensão educativa, produtora de conhecimentos e de processos de subjetivação. Nosso objetivo não é desconsiderar asserções acadêmicas, mas compor com elas miradas outras das visualidades, dos corpos, das geografias, das cartografias e da educação. Baralhamos geógrafos/as e educadores/as; teóricos/as da arte, da arquitetura e da ciência; dançarinos/as e performers e algumas outras peças da maquinaria.

Das autoras e autores: textos e enxames. Algumas e alguns delas/es são de longe, bem longe daqui: Áustria, EUA, Itália, França. Reunidos numa única mesa... de festa! Afinal, capitanear esse dossiê, teve, para nós, o gosto de uma alegre festa, atravessada por muito riso; flertes; escorregões; saltos olvidados sobre airosos banquetes decorados: no início das festas somos ou estamos comportadas/os; bebedeira; e muitos goles de café. As boas conversas desfazem uma organização inicial, fazendo aparecer isso que chega até nós (até o leitor) como dossiê: uma mistura sensível de modos de dizer sobre fazeres. Há festa, há música! Escolhemos uma, que, ponderamos, melhor expressa nossos agradecimentos às autoras e

autores, tradutoras e tradutores, revisoras e revisores dos textos... “Aquele Abraço”<sup>4</sup>. Cantemos com Gilberto Gil a nos embalar em sua paisagem sonora e vibratibilidade. Acoplaremos nossos corpos, peles e riscas nessa canção, para apresentar, ainda que laconicamente, os textos das autoras e autores que compuseram conosco esse enxameamento.

Nicholas Mirzoeff, *n’O direito a olhar* reflete acerca da visualidade, abordando-a como uma noção antiga para um projeto também antigo. Para ele a visualidade não significa o conjunto de todas as imagens e dispositivos visuais, mas um termo do começo do século XIX referente à visualização da história. À visualidade, regime de impedimento a olhar, se opõe o direito a olhar, que não é tão-somente uma questão de visão, ou seja, o direito a olhar começa quando nosso olhar adentra mutuamente os olhos de outrem, manifestando perceptos e afectos. Mirzoeff ao reivindicar o direito a olhar, pleiteia autonomia ao invés de liberdade, tendo como um de seus princípios o direito à existência.

Fernanda Nogueira, brasileira-e-pessoa-do-mundo, que, casualmente, está em Viena, ensaiou-se elegendo como arquivo a produção artística de Ney Matogrosso com a qual nos ancora à uma epistemologia do sensível, dizendo que a música na sua relação com as matrizes que dominam o corpo sugerem outros modos de conceber o conhecimento e o pensamento crítico. “Quem tem a força de saber que existe / E no centro da própria engrenagem / inventa a contra mola que resiste / Quem não vacila mesmo derrotado / Quem já perdido nunca desespera / E envolto em tempestade decepado / Entre os dentes segura a primavera”, num grito que ecoou, nesse dossiê, parte de sua pesquisa-escrita. Ney Matogrosso tem sido seu orifício de penetração, e ao mesmo tempo, uma cartografia de acesso a outros orifícios... de entrada, de penetração, de convocação ao pensamento.

Rachele Borghi e os corpos fora de norma, esses corpos que o olhar hétero-patriarcal sexista e capitalista considera como *out of place*. Seu texto é fruto de uma intervenção em torno da relação entre espaço, ordem social e dinâmicas de controle dos corpos, relação essa construída para manter os privilégios de sujeitos dominantes e o *status quo* social, concentrando-se nas reações, nas ações e nas micropolíticas de enfrentamento, de desvio e de

<sup>4</sup> Para maiores detalhes ver: <<http://goo.gl/Jwnpty>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

transbordamento do controle do corpo e da imposição de normas dominantes. Rachele ao embrenhar-se pela epistemologia feminista assevera como esta ensinou-a acerca da divisão entre teoria e prática, servindo-nos também para criar tipologias de conhecimento hierarquizado, e deslegitimando tudo o que não se refere aos produtores de conhecimentos legítimos, com ferramentas consideradas “científicas”.

Ana Paula Nunes Chaves e Júlio Groppa Aquino, empregam a noção de heterotopia, do filósofo francês Michel Foucault para ampliar as análises geográficas no que se refere aos usos dos espaços públicos. Como recorte de análise, selecionaram o Parque Ibirapuera em decorrência de três características singulares, a saber: o processo constante de recodificação pelo qual passaram os parques urbanos contemporâneos; sua representatividade na cidade de São Paulo como articulador de experiências de caráter pedagógico e formativo; e sua expressividade, seja pela exposição de seus espaços, seja pelo número de frequentadores. Por meio dessas características, os autores empreendem uma discussão no que diz respeito à produção de espacialidades no contemporâneo, bem como seus traços heterotópicos fugidios.

Francesco Giarrusso examina a natureza de duas faces do cinema: o seu estatuto de fronteira entre a concepção espacial do sistema geométrico-euclidiano; e da implementação da lógica esférica do globo. Ou seja, a evolução da tendência cartográfica do cinema para a criação e proliferação da imagem eletro-numérica. Segundo o autor, através da imagem eletro-numérica a Terra não é mais encarada como plana, adquirindo a forma de uma rede de linhas e intersecções. A lógica planimétrica subjacente à imagem-índice não lidera o mundo, e a globalização rejeita a geometria euclidiana. Onipresença e instantaneidade, implementadas pela velocidade das viagens da imagem eletro-numérica, causam desespacialização progressiva da realidade. Essa é a razão pela qual a imagem eletro-numérica já não representa “o mundo tornando-se imagem”, mas “a imaginação tornando-se mundo”, inevitavelmente gerando um novo horizonte experiencial.

Ingrid Rodrigues Gonçalves, evoca, por sua vez, desde autores situados no registro pós-estruturalista a cineastas, técnicos e projetionistas, de modo que estes últimos funcionaram como espécie de encruzilhada à autora, possibilitando-a apostar em uma noção de corpo dessacralizada do corpo ser vivo. Corpos como suportes e suportes como corpos. Os movimentos de seu pensamento sobre a transição dos filmes em películas para os arquivos

digitais, podem nos levar a dilatar a noção de corpo, quiçá, mais aderente, e não menos polêmica e contundente, no contexto contemporâneo.

Valéria Cazetta e Ana Maria Hoepers Preve partem de duas pesquisas em curso (“O que pode a cartografia e a geografia: investigações e invenções em educação” e “Geografias em corpos”), nas quais a cartografia está em pauta. Por um lado, a cartografia como qualidade de acompanhar processos e, por outro, a cartografia da geografia, responsável por assegurar a produção de mapas ancorada na equivalência do espaço e suas representações. Desses encontros das duas autoras e das duas pesquisas, um convite: pensar junto com as sobras de uma oficina realizada junto aos estudantes do Programa de Pós Graduação em Educação do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Desde os sobejos movimentados nos mapeamentos e neles presentificados, àqueles acostumados, sob o controle de um modo de pensar escolarizado.

Luiz Guilherme Augsburguer e Gicele Maria Cervi propõem mediante oficinas de zine um exercício teórico que procura afastar-se da subjetividade escolar e pedagogizante, quando se fala em processos educativos. Movidos pela pergunta, *Em uma sociedade de controle, como resistir?*, os autores apresentam potencialidades de fanzines como vacúolo de não-comunicação, e de oficinas como práticas de vida. Com estas ferramentas adentram um contexto inventivo, propondo, ao invés de falar *mais*, *subtrair*. Criar por subtração.

Alexandre Gasparotti Nunes reflete acerca de novas tecnologias da informação e seus dispositivos móveis, tais como, smartphones em práticas educativas tendo como foco de análise a utilização de recursos desses dispositivos. Num segundo momento o autor se debruça sobre uma prática educativa, tecendo considerações à luz da noção de governamentalidade de Michel Foucault.

Por fim, convém destacar que a sequência dos textos/autoras/autores vincula-se mais a uma noção micropolítica do que propriamente escalar. Não partimos do macro para o micro, mas do macro e micro para o micro e macro, evidenciando seus entrecruzamentos nas análises efetuadas, afinal, essas oposições podem ser uma armadilha.

**VALÉRIA CAZETTA**

Doutora em Geografia (Organização do Espaço)  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP  
Rio Claro, SP - Brasil

Professora Doutora  
Universidade de São Paulo - USP  
São Paulo, SP - Brasil  
E-mail: [vcazetta@gmail.com](mailto:vcazetta@gmail.com)

**ANA MARIA HOEPERS PREVE**

Doutora em Educação  
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP  
Campinas, SP- Brasil

Professora Adjunta  
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC  
Florianópolis, SC - Brasil  
E-mail: [anamariapreve@gmail.com](mailto:anamariapreve@gmail.com)

**CLÁUDIA RODRÍGUEZ-PONGA LINARES**

Mestrado em Bellas Artes y Categorías de la Modernidad  
Universidad Complutense de Madrid – Espanha

Pesquisadora da Universidade de São Paulo - USP  
São Paulo, SP – Brasil  
E-mail: [claropo@yahoo.com](mailto:claropo@yahoo.com)

***Como citar este documento:***

---

CAZETTA, Valéria; HOEPERS PREVE, Ana Maria; RODRÍGUEZ-PONGA LINARES, Cláudia. Dossiê - Editorial : Educação, visualidades e espacialidades no contemporâneo. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 738-744, nov. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646421>. Acesso em: 18 nov. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/etd.v18i4.8646421>.

---